

F
L
F
F

23126



Gaiato

8 DE AGOSTO DE 1970
ANO XXVII — N.º 689 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Os batatinhas de Benguela também são cartaz de circunstância! Haverá beleza maior que a pureza das Crianças?!



FESTAS — Há reboliço na Aldeia. São os ensaios para as nossas Festas. Muitos amigos esperavam, há tempo, a notícia guardada até agora. Sabemos que já há bilhetes reservados desde o ano passado, nos lugares do costume. Não há descanso. O Américo é a alma. Ele concebeu, programou e ensaia. A Olímpia trata do guarda roupa feminino. A alfaiataria requisitou o Vitor à serralharia para uma ajuda no guarda roupa dos actores. Os rapazes, desde os mais velhos aos mais pequeninos, dão-se as mãos para que tudo saia bem. São as Festas!

O ano passado muitos amigos ficaram tristes porque acordaram tarde e já não conseguiram bilhetes. Cautela este ano! Não esperem convites. As portas abrem-se a todos os que querem entrar. Os bilhetes são postos à venda nos lugares do costume.

Muitas terras nos escreveram a pedir que fôssemos. Querem ver-nos. Conhecer-nos ao vivo. E nós vamos. A algumas cidades é a primeira vez. Outras já nos conhecem e já nos viram. Somos uma embaixada de 45, grandes e pequenos.

Se os homens não se meterem de permeio a alterar o nosso programa, estaremos no Monumental de Benguela no dia 18 de Agosto; em Novo Redondo, no dia 21 de Agosto; no Imperium do Lobito, em 24 de Agosto; na Catumbela, no dia 26; no Cubal, no dia 29 de Agosto; na Ganda, no dia 30; em Nova Lisboa, no dia 1 de Setembro; em Silva Porto, no

Cont. na QUARTA página

Presença da Igreja

Alertados pela breve notícia lida num verpertino de Lisboa e num diário do Porto, procurámo-la mais abundante em imprensa onde seria de esperar maior relevo. Mas... nem nada!

Não queremos, todavia, deixar de nos regozijar com as preocupações, as «decepções» e as decisões dos Bispos espanhóis, segundo a nota da Conferência episcopal, «facilitada por la Oficina de Información del Episcopado Español».

Um dos temas reflectidos e dialogados durante vários dias, foi: «A Igreja e os Pobres». No espírito da Constituição Conciliar «Gaudium et Spes», lembrado insistentemente pelo Papa, «a Igreja deve ser e aparecer pobre». Em face disto e começando por si mesmos, os Bispos espanhóis declaram: «Estamos unânimes no compromisso de impregnar a nossa vida episcopal de verdadeira simplicidade evangélica, de tal maneira que a nossa apresentação exterior pessoal, a nossa residência, os nossos meios de locomoção ou as pessoas ao nosso serviço criem em redor de nós um ambiente que nos não distancie dos humildes».

Considerando os compromissos sociais e políticos que toda a instituição pública acaba por ter com os poderosos deste mundo, decidiram: «Cuidar de evitar toda e qualquer aceção de pessoas, acentuando a predilecção para com os grupos sociais mais desvalidos. Nas relações obrigatórias com as autoridades civis, manter respeito e leal colaboração numa linha de sobriedade e clarificação que simplifique as obrigações oficiais recíprocas».

E, «em sinal de disposição sincera de realizar na parte que cabe à Igreja, as tarefas

Cont. na QUARTA página



Uma Casa do Gaiato foi sempre o ponto de convergência das mais variadas misérias e aflições. Para lá dos seus casos específicos, aqui nos aparecem doentes e sem pão, pobres e ricos, gente inquieta ou em dificuldade de todos os tipos. Embora procuremos fazer o que está ao nosso alcance, não podemos deixar de afirmar a nossa incapacidade ou insuficiência para atender a contento os que nos procuram. Se é certo que também somos solicitados por gente com propósitos menos sérios, também é verdade que os casos autênticos são os mais correntes. De qualquer modo, uns e outros atestam, ao fim e ao cabo, a confiança depositada na Obra, de que somos humildes obreiros, e mostram a responsabilidade que recai sobre os nossos ombros, para lá do concomitante enriquecimento pelas

experiências e situações oferecidas, que nos fazem conhecer melhor o mundo e os homens nas suas situações concretas.

Ainda há muita gente que não pode estar doente na nossa terra sem que surjam mil preocupações e se anteveja a possibilidade da fome e da maior miséria, para si e para os seus. Se é certo que as Companhias de Seguros e as Caixas são vítimas de grandes abusos, com baixas injustas ou fictícias e estratégias mais ou menos subtis, levando a extorsão de milhares e milhares de contos, procedimento a exigir uma fiscalização eficaz, não é menos verdadeiro que há pessoas à margem de qualquer cobertura social ou a receberem subsídios de invali-

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA



Para não contradizer o nosso à vontade familiar, a nossa vida simples e sem métodos que não sejam os do coração, onde tudo se deseja espontâneo e natural, um casal de pombas veio fazer o seu ninho na varanda do escritório. Lá se encontram agora mai-los dois borrachinhos, fruto dos seus amores. Os nossos mais pequeninos adoram vê-los e, por isso, me espreitam quando venho para o escritório e se-guem-me até cá só para verem os pombinhos.

Deixo-os à vontade e vou respondendo como posso às suas perguntas, recomendando-lhes pouco barulho para não assustarem as pombas e os filhos e me deixarem trabalhar um bocadinho. Entretanto César vai namorando uns patins para brincar e os outros vão mexendo nisto ou naquilo que mais suscita a sua curiosidade.

O tempo está muito quente e é hora dos pequenos dormi-

Cont. na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

BEIRE

Vida Rural — Andamos na tarefa do nosso pão; «comerão o pão com o suor do seu rosto» — adágio antigo do nosso povo. Trabalho penoso que a malta faz com grande alegria e satisfação. O milho vai bem bom e com belos resultados assim como quase 5.000\$00 de lucro da parte da malta e todos os operários que cá trabalham; lucro esse devido ao trabalho das mulheres que cá todos os anos costumam andar em número de 5 e porque este ano não anda nenhuma.

A Casa de Beire não tem recursos, pois no Calvário temos perto de 100 doentes que precisam de sustento e carinho, graças ao esforço do nosso Padre Baptista. E não lhes falta com nada.

Ai de nós se não fosse a oração do doente a pedir a Deus (pois eles também trabalham na oração e nós no sacrifício) que nos auxilie, tanto a nós como a vós; porque se não fosse a vossa ajuda não poderíamos equilibrar a frágil barca.

Pocilgas — O nosso Ratado agora anda na brecha, pois tem 52 cabeças de porcos (27 leitões e 25 porcos crescidos). Isto tudo é muito bonito, mas o pior é a despesa no Grémio de Paredes. E como já disse atrás, os nossos recursos são poucos.

Exames — Acabou mais um ano lectivo com uns tristes e outros contentes. Os tristes foram preguiçosos durante o ano. E, agora, queriam ficar bem; mas isso não pode acontecer, pois quem não sabe é como quem não vê. Os contentes viram o seu esforço compensado e prontos a seguir os estudos.

Baptismo — A família da Obra da Rua continua a crescer com os seus netos!

Foi no dia 12 do corrente mês o Baptizado da filha do António Henriques «ex-Sedielos», casado com a Maria Fernanda de Oliveira Magalhães, sendo-lhe dado o nome de Maria da Graça. Foi baptizado na Igreja da paróquia de Beire pelo Sr. Padre Baptista.

O «Sedielos» pediu-me para comunicar o facto aos nossos leitores, assim como a toda a Obra da Rua.

Carlos Alberto Barreiro

MIRANDA DO CORVO

Terminei no passado mês o curso do Magistério Primário. Apresentar-me, julgo não ser preciso, pois todos os amigos que se interessam por nós já têm conhecimento pelas crónicas que por vezes surgem no «Famoso» referidas à Casa de Miranda ou ao Lar de Coimbra.

Ao mesmo tempo terminou também o curso a Maria Helena, esposa do Carlos Manuel, nosso professor em Miranda e que todos vós também já conheceis das nossas festas.

O dia em que ambos terminámos, foi mais um dia festivo para toda a Obra, em especial para a Casa de Miranda, por sentir o facto mais directamente.

Que depois de termos sido servidos o Senhor nos ajude para que sejamos nós a servir todos os nossos irmãos mais novos, é o que neste momento peço a todos vós amigos leitores, que supliqueis ao Senhor.

+ + +

A nossa temporada anual na Praia de Mira já está a decorrer.

No primeiro dia, depois de montarmos o acampamento e tudo estar em ordem, houve fuga geral do campo para o mar apesar da noite já estar perto.

O mar estava uma maravilha e todos tiraram a barriga de misérias, pois alguns havia que estavam com fome de mar. E como o banho provoca apetite, seguiu-se uma janturada no acampamento.

O primeiro grupo está agora a gozar as suas férias.

Depois destes, outros virão, de maneira a que todos tenham uns dias de descanso, para que depois tenhamos coragem para enfrentar mais um ano de trabalho.

Este ano temos o nosso acampamento mais completo. Além de tudo o que havia nos anos anteriores, temos este ano uma pequenina capela, onde todos podemos participar na Santa Missa, sempre que o Snr. P.e Horácio esteja presente.

O Senhor quis dar-nos ainda mais esta regalia.

Francisco José

Ó sabedoria...

...a de Pai Américo, ao rejeitar legados, condições, obrigações póstumas, negócios... «nem que com o Vaticano»!

Consta do seu anedotário real que no princípio de Paço de Sousa, sendo preciso apôr um selo fiscal de elevado preço em documento que ia oficializar a entrada ao serviço da Nação desta propriedade que estava servindo (e talvez mal...) os rendeiros — Pai Américo se negou a pô-lo. E se não fôra a dedicação de um Amigo que o pôs do seu bolso, não sei se se teria cumprido a burocracia

suficiente para que esta quinta fôsse entregue à «Obra da Rua» e se realizasse nela esta Casa do Gaiato que conta já 27 anos a servir.

Foi o caso que ontem desbaratei quase uma manhã por causa de burocracias asfixiantes. Quem diz que elas levam jeito de abrandar?!...

Em 1968 morreu um Amigo que nos legou em seu testamento uma lembrança sua. A Esposa, companheira também na amizade do Marido à Obra, logo fez entrega do respectivo cheque na Casa do Tojal. E pronto...!

Sucedem agora que a Senhora tem que registar uma propriedade que seu marido possuía, e, para tal, tem que provar a execução dada àquele legado.

Senhora Conservadora (ou a lei...) estipula:

— Recibo.

— Reconhecimento «autêntico» da assinatura.

— Que o Notário declare estar certificado de que a Obra tem personalidade jurídica, indicando o alvará que lhe atribuiu.

Como o reconhecimento «autêntico» de uma assinatura exige que ela seja feita na presença do Notário, e o donativo fora entregue na Casa do Tojal, lá foi o P.e Luís cumprir a pena. Fez o papelinho, botou o selo, pagou os emolumentos e... não servia porque era preciso a assinatura de quem representasse a Obra.

P.e Luís remete-me o recado e sublinha que é preciso o re-

conhecimento mencionar os poderes pró acto.

Chego ao Notário. Pergunto onde e como se fazem estes reconhecimentos de circunstância. As meninas, «que não é com elas, mas com o Sr. Ajudante». O Sr. Ajudante, «que não é com ele, mas com as meninas». Volto prá bicha do comum das gentes. Finalmente chega a minha vez. Mas... está a chegar o meio-dia e dizem que ao meio-dia levanta tudo e... que volte de tarde quem quiser, se puder. Por muita consideração tal não me chegou a acontecer. Mas sempre teve de vir o Sr. Ajudante. E o Sr. Ajudante diz que não é preciso os **poderes pró acto**; e eu digo-lhe que veja lá, que pela saudinha dele não me obrigue a voltar ali pelo mesmo papel. E ele teima que não. E o papel vai hoje para baixo. E eu estou a tremer de medo que ele volte para cima. E lá terei de perder nova manhã a aturar o nervosismo de uma Conservatória sem pessoal suficiente e as discrepâncias dos intérpretes da lei.

A boa da Senhora nossa Amiga, bem nos pede «desculpa por toda esta maçada, mas a eterna burocracia nacional com força de lei a isso nos obriga». E agora, por ela (a Senhora, nossa Amiga) teremos de levar a cruz ao calvário... tanto mais que o dinheirinho dado à mão em lembrança do seu Esposo e nosso Amigo, aonde irá...? Teremos pois de levar a cruz ao calvário. Mas ficamos abençoando a memória de Pai Américo que nos livrou destas andanças, em que só por equívoco, caímos. E abençoamos também a memória de todos os que se esquecerem do nosso nome na letra dos seus testamentos.

P. S.: Meu dito, meu feito! É que tive mesmo de voltar ao Notário por causa dos **poderes pró acto**.

Padre José Maria

Lourenço Marques

Tentava fazer esta quando entrou o Jaimito por aqui dentro. Sabia que estava a escrever para «O Gaiato» e vá de me trazer um gole de café. «A sopa hoje estava boa?», perguntou. É que estando o Ezequiel para a venda de «O Gaiato», foi ele o cozinheiro.

Como desejo e temo ao mesmo tempo que vão estudar estes dois. Têm-lhes dado tantos mimos, que o afastarem-se agora mais um pouco da nossa vigilância, vai ser prejudicial. Ainda hoje telefonaram a pedir deixasse o Tónio Augusto ir receber umas prendas. Não deixei. Ele está castigado. Quanto me tem feito sofrer ultimamente...

Sendo a venda de «O Gaiato» o veículo de contacto com a cidade e talvez o grande motivo porque nos aceitou tão bem, a falar verdade, nem todas as pessoas têm compreendido a nossa vida e às vezes os estragam com mimos exagerados, esquecendo-se de que eles pertencem a uma família numerosa e pobre, onde há muito

a fazer, para construir casa que receba mais uma centena de irmãos que andam por lá à fome e abandono. Peço que me compreendam e saibam que o Tónio não tem merecido.

Falo também do Ezequiel. Além de cozinheiro, acumula o encargo de distribuir e despachar a mala do correio todos os dias, pondo em ordem o serviço de registos, peça a andar sempre muito afinada, pela responsabilidade inerente.

Ainda lhe sobra tempo para ler um pouco, tocar viola, às vezes, ou dar o seu giro pela machamba a experimentar a direcção do tractor se o Renato deixa. Mas o Ezequiel está na hora de largar o posto e vai estudar. Quer ser o professor da nossa Casa. Neste momento dois irmãos em Paço de Sousa fazem as malas para se juntarem a ele. Pois também o Ezequiel tem recebido muitos mimos. Se não fosse ainda criança, também estaria já estragado. Pois se lhe querem

dar mimos, que o ajudem agora a preparar-se para o segundo ano.

x x x

«Cá chegou a prenda. Tinha recebido um mês antes uma criança daí, filho duma funcionária da P. I. D. E., também com 5 anos e também com paralisia cerebral. Achei graça à coincidência. Estão os dois ao lado um do outro.»

É uma carta do nosso Padre Baptista que recebeu um pequenino doente no Calvário. Que complicações a ida envolveu por ser doente e, mais ainda, por ser abandonado.

Foi um relatório médico para a Assistência, que concedeu a passagem. Foi outro e houve que ser de médico diferente por não encontrarmos o mesmo, para a TAP, que o transportou. Foi ainda outro e mais minucioso, doutro médico ainda, para se saber dos riscos que envolvia o seu transporte. A última hora foi necessário recorrer à

Polícia do Estado por não se encontrar o boletim de nascimento do pequenino. Requeceu-se em forma a autorização, mas exigiram ainda outra do pai. Como? se este e a mãe o tinham abandonado, por ser paralítico, cego, epilético e ainda mal formado da cabeça? Uma aberração de arrepiar... se a dos pais não fosse ainda maior.

Foi por Deus que o avião naquele dia se atrazou. Eram cinco em ponto, quando, no aeroporto, um funcionário daquela Corporação resolveu rasgadamente o assunto. Bem haja. Não sabe de que trabalhos me livrou.

E se tivéssemos aqui um pequenino Calvário? Já almas inquietas puseram a si mesmas este problema e nos confiaram o seu desejo. Mas como, se tão atrazada vai a construção do que há-de ser a Casa do Gaiato?



Verdadeiramente aliciante o correio desta quinzena! E, ainda, o que aguarda vez? — que o «Famoso» não é elástico...!

● A SEMENTE ESTÁ LANÇADA

Saboreemos, ao abrir a porta, uma presença mui recente, com data de 10 de Julho:

«Em primeiro lugar a vossa saúde, bem como a de todos os da Casa, e que Deus vos dê aquilo que para mim desejo.

«Esta tem por fim pedir-vos o favor de aceitar como assinante do nosso Jornal — aliás Evangelho — o Sr. ... Eu disse favor, porque realmente é; porque considero o nosso Jornal uma fonte, onde todos deviam beber, porque não só mata a sede como também nos ilumina.

«Não reparem de ser o primeiro assinante que arranjo; mas talvez seja o primeiro fruto da semente que lancei à terra. A porta, fica aberta. E quando tiver mais algum cá estarei de novo. A semente está lançada; aguardemos.

«Este senhor quer pagar pela assinatura 50\$00 anuais. E diz que paga no Espelho da Moda, porque lhe dá mais jeito.

Campanha de assinaturas

«Agradecia que logo que esta recebam, enviem o Jornal, porque este nosso irmão está com sede.

«Sou um vosso irmão e assinante n.º 15432 sempre ao vosso dispor e que vos abraça...»

É velho amigo. E cheio de Fogo! Apreciamos muito a sua disponibilidade. E doação. Por isso, amigo Lima, dê cá as suas mãos ambas — mais um forte xi do coração.

● LEGENDAS QUE ILUMINAM

E as legendas que a gente encontra entre a correspondência? Quem dera poderemos encaixilhar todas! São constelações brilhantes, que iluminam a Procissão. Olhem para a eloquência desta poveira:

«Peço o favor de enviar, a partir de agora, o inimitável e tão frutificante Jornal «O Gaiato» para estes dois novos assinantes...»

«A assinante 26731, que se subscreve com muita consideração...»

Que diria mais Pai Américo aos qualificativos que, dia a dia, nossos olhos pecadores descobrem entre a rima de presenças dos nossos leitores?! Ao menos — e com certeza — iria depô-los no Altar, nas mãos do Senhor — a Quem pertencem. Pra lá vão.

● TENHO ESPERANÇA...

Passa, agora, o assinante 3728, de Coimbra (Gaia):

«Meu bom Amigo: «Saúde para toda a malta da Casa do Gaiato.

«Eu, o ass. 3728..., venho por meio desta carta enviar mais um assinante. E tenho esperança de arranjar mais alguns.

«Aquele fica a meu cargo... «Faço votos para que a vossa Obra progrida. E bem assim o Jornal, que é digno que todos leiam.

«Sem mais, me despeço. E ao mesmo tempo pedia, se fôsse possível, enviar o Jornal desta quinzena de 11 de Julho.

«Saúde para toda a rapaziada. Seu amigo... »

E que dizer do cunho familiar da generalidade dos caminheiros, na Procissão?! Onde seria possível esta simplicidade — comunhão de vida e sentimento?!

● CRESCEM AS INSCRIÇÕES PESSOAIS — E ESPONTÂNEAS!

As inscrições pessoais — e espontâneas — crescem a um ritmo admirável. São o melhor fermento!

Reparem como uma delas — em poucas palavras — diz tudo:

«Agradeço que a partir da data em que recebam este postal (17/7/70) me considerem assinante de «O Gaiato», passando a enviar-me o Jornal. «Respeitosos cumprimentos...»

É um novo assinante — e leitor — de Barrocal do Douro.

● ESCLARECIMENTO OPORTUNO

Aproveitamos a oportunidade para transcrever outra presença do mesmo naipe. É um postal de Quintã. Mas reeditamos, depois, um esclarecimento oportuno — e indispensável. Ei-los:

«No desejo de ser assinante do Jornal «O GAIATO» venho solicitar de V. se digne informar qual o custo da assinatura anual, o meio pelo qual deve ser satisfeito e o prazo. «Muito grato...»

Por princípio — e desde o princípio — que o «Famoso»

nunca foi ou se dispôs a tri-lhar os métodos de jornal de empresa (de grupo ou facção). O seu preço está na vontade ou disponibilidade de cada um dos nossos leitores. Verdadeiramente, não tem preço, nem prazo estabelecidos. Quanto aos meios de quitação, podem os nossos amigos servir-se de vales de correio, valores declarados, cheques, etc. Meios seguros e práticos. Os tripeiros, conimbricenses e lisboetas, também podem dispor dos nossos depósitos: no Porto, o Espelho da Moda, à rua dos Clérigos, 54; em Coimbra, a Casa Castelo, à rua da Sofia; e, em Lisboa, o Montepio Geral.

● DEU EFEITO UMA INSISTÊNCIA LISBOETA!

Ao longo do percurso surgem pedidos de nova remessa de listas! Atiçados por um leitor da capital, que fizemos? Pregámos com delas — sobranças das últimas Campanhas — no coração de milhares de exemplares da penúltima edição; sobretudo para os leitores das grandes urbes. Foi um reacender de fogo em corações adormecidos; pois está a chegar mais gente fresca. Valeu a pena!...

● O RESTO DA MARCHA

Finalmente — que já vamos longe! — além do que ficou dito, temos mais presenças, a fumar, do Porto, Lisboa e Coimbra. E mais de Vila Fernando (Guarda), Alijó, Areosa (Porto), Vila Real e Bragança.

Surtiu efeito o abanão de uma transmontana — aos transmontanos — que veio a lume em uma das últimas edições!

Ficamos nas boas terras do Nordeste — topo da Lusitânia. E bem acompanhados!

Júlio Mendes

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

dez ou doença, nitidamente insuficientes para assegurarem a satisfação das necessidades mais elementares. Quem trabalha tem direito a um salário digno e justo; quem adoce ou fica incapaz de trabalhar tem jus a receber subsídio, pensão ou reforma, compatível com a sua condição de homem, independentemente da idade, e em actualização periódica, que as reservas matemáticas das grandes organizações sociais devem comportar. O mesmo se diga dos que derramam o sangue ou ficam inválidos ao serviço da grei. Assegurar-lhes os direitos que devem usufruir, por si ou pelos seus, não pode ser encarado como esmola mas deve ser-lhes atribuído por justiça.

Contamo-vos a seguir duas histórias reais, entre as múltiplas que se nos depararam nos últimos dias. A primeira diz respeito ao pai de dois dos nossos Rapazes, aqui presentes há cinco anos. Varredor numa das Câmaras da periferia da Capital, com quase 60 anos, precocemente envelhecido, para lá do abandono a que foi votado pela mulher, arrasta mais a cruz de incurável. Enquanto pode, aguenta, só dando parte fraca quando está mesmo a cair, pois, caso contrário, deixará de receber o magro ordenado de cada dia. Quando há tempos seguia com o carro do

lixo faltaram-lhe as forças e viu-se em terra. Deixou de trabalhar e, como assalariado que é, deixou de auferir qualquer importância. Porém, o que não deixou foi de ter necessidades, de comer, de se vestir e de se tratar.

A segunda história concerne a um casal de 9 filhos, habitando uma casa da Previdência, cuja renda anda pelos mil e cinquenta. A mulher é doente e tem sido sujeita a várias operações. Faz o que pode e pertence ao grupo de heróis desconhecidos que labutam sempre, apesar das circunstâncias mais adversas. O marido, vítima de uma queda na estiva, há cinco anos que permanece inválido, sendo-lhe atribuída uma pensão que, actualizada em Janeiro, anda pelos quinhentos escudos! É caso para dizer que quem não nascer rico ou não tem a sorte duma herança avultada ou dum prémio na lotaria ou no totobola, se tem a infelicidade duma doença ou dum desastre grave, só lhe resta esperança de estender a mão às esmolas ou de se ir apagando e aos seus, lenta e penosamente.

Voltaremos ao assunto se Deus quiser. Para já fica aqui o nosso clamor em ordem a uma segurança social e capaz para todos os portugueses, na justiça e na Verdade, no respeito, em fraternidade e amor.

Padre Luiz

De novo o postal-aviso

Sempre que se nos depara oportunidade — e gente suficiente — o ficheiro do Jornal é compulsado, para dar notícias de como vão as contas de cada um dos assinantes de «O Famoso».

Tem sido o «Herrera» e o Homem. E não de ser mais, logo que terminem os exames.

É um serviço de rotina. Por isso mesmo, sujeito a reacção. A caneta de amigo «Herrera» está mesmo de acordo — não sabe distinguir nomes! Regista-os no postal; e pronto. Aliás, que nos conste, ainda não errou um endereço! «Herrera», porém, já tem obrigação de escrever razoavelmente. E de não ser cabecinha no ar. Passou agora para o 2.º ano da Telescola.

O texto do postal tem sido burilado, até atingir a perfeição. E, não há dúvida, salvo uma ou outra queixa — justi-

ficando gafes da nossa malta, e até dos nossos Padres — está a ser fenómeno aceitável para quantos — com a vida agitada por milhentos problemas — naturalmente se esquecem ou desconhecem que, de cada remessa de papel de jornal (uma camioneta recheada de resmas), para nós é sangria desatada: perto de 60 contos! A propósito — e de Vila Franca de Xira — aí vai uma carta sobre as revoadas de postais encaminhados pelas malas dos C. T. T.:

«Com os meus agradecimentos pelo facto de me terem chamado a atenção para a falta de pagamento do jornal segue junto um cheque de 100\$.

«Problemas de saúde familiar têm-me levado a esquecer todos os deveres, mesmo aque-

les que deviam estar na primeira linha.

«Graças a Deus parece que tudo está agora a correr melhor e, por isso, o aviso tem o seu sentido de chamada de consciência.

«Com os meus melhores cumprimentos...»

Que dizer mais?! Ó beleza da Humildade — sublinhou o nosso Padre Carlos. E diz tudo.

Júlio Mendes

Visado pela Comissão de Censura



Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

dia 3 de Setembro; no dia 7, repetição em Benguela; em Sá da Bandeira, no dia 10 de Setembro; e em Luanda, no dia 15 de Setembro.

Esperamos a ajuda de todos os amigos da Obra.

x x x

Damos conta do que depositaste em nossas mãos: Do Lobito, 200\$00, para a «construção da nossa Casa». Uma lembrança de uma amiga do Cunene; pelas mãos de um vendedor de «O Gaiato», 65\$00; de P. Eça, 100\$00; para «o pão do Gaiato», 220\$00; de um pároco amigo, 50\$00; da Catumbela, 500\$00; e pacotes de roupas, de Quinjenje; 200\$00, para a «mãe dos 3 filhos». A todos os que se interessaram por este caso, damos a notícia de que a máquina de costura já foi entregue. De Leiria, 500\$00; mais 20\$00 do Lobito. De um grupo de funcionários da Lupral, 872\$. E esta pequena procissão fecha com chave de ouro: um jovem entrega 10.000\$, muito discretamente.

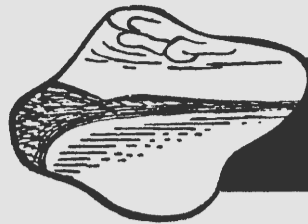
Bem hajam.

Padre Manuel

Cont. da PRIMEIRA página

rem a sesta. Mando-os descansar e fico a tentar vencer a moleza que me toma, fruto deste calor escaldante do Alentejo a que não estou habituado. Como os trabalhos da Casa só começam às 3 horas, penso em repousar um pouco e me propunha fazê-lo quando um grupo de rapazes invade o escritório para dizer que lá em baixo me esperam uns senhores. Vou e pelo quadro que se me depara vejo logo do que se trata.

Era um senhor que acompanhava uma senhora de idade que trazia ao colo um pequenito e outro agarrado às saias. A história centenas de vezes ouvida se repete: «Senhor Prior tome conta destas duas crianças que o pai abandonou para ir com uma galdéria qualquer e a mãe delas está muito mal num hospital de Lisboa. A avó, que é esta senhora, tomou conta deles e nós, que somos vizinhos, damos-lhe o que podemos para a pobre sustentar os pequenos. Mas como somos todos pobres, não podemos estar sempre a dar e a velhota tem de ir trabalhar pra ganhar o comer, mas não pode por causa dos garotos». Conta mais alguns pormenores e eu explico-lhe que não podemos tomar conta dos pequenitos e recomendo-lhe que recorra à Justiça para obrigar o pai a dar o sustento aos filhos. Faz um gesto de desalento e diz que isso não vale nada.



SETUBAL

Despeço-me e volto ao escritório a pensar:

Até quando continuará este círculo vicioso dos pais a abandonarem os filhos e se procurar a solução no internamento? Até quando esta incredulidade na Justiça, que «não vale nada»? Até quando vamos permitir estes crimes de abandono sem represálias, a proporcionar novos crimes? Até quando se permitirá esta onda de crimes a coberto da passividade da sociedade e da própria lei que os prevê, mas não age? Até quando esta insensibilidade humana que não reage duramente e até esconde a lei a sua denúncia? Até quando as próprias instituições de Assistência colaborarão na propagação destes crimes, acalmam consciências ao tomarem conta de crianças que deviam permanecer na família? Até quando, nós mesmos continuaremos a colaborar neste crescer de abandonados, recebendo-os e permitindo aos seus progenitores continuarem a multiplicar os crimes? E o número dos desgraçados, dos inúteis, dos vadios, dos criminosos, dos miseráveis que este abandono acarreta, não merece reflexão e acção?

Para quando uma legislação realista, dinâmica, simples e eficiente a detectar estes abandonos e a agir rápida e eficazmente?

No meio de todas estas interrogações, procuro discernir o Homem, mas não o encontro.

Por isso é que escrevo estas notas um pouco ao correr do pensamento sem me preocupar com a lógica ou o estilo, apenas confiado em que aparecerá Alguém que por função do serviço à Justiça, à Pátria e à Criança, se debruce sobre o problema e o resolva tanto

quanto lhe seja possível e sem demora.

Mal acabava estas simples notas quando vejo P.e Aclio a falar com uma mulher ainda nova que tinha ao colo uma criança e à sua roda mais 3 todos de pouca idade. No final da conversa, diz-me — «Mais uma mãe abandonada com 4 filhos que precisa de ser internada no hospital».

Olhamos um para o outro e de cabeça baixa e coração a sangrar não dissemos mais nada.

Padre Abraão

Dr. Leonardo Coimbra

Éramos oficiais do mesmo ofício. Porém, ao contrário do que costuma acontecer aos que se encontram nesta identidade para ganhar a vida, quando o ofício é de perdê-la, não há rivalidade, antes um entendimento muito fraternal.

De Pai Américo herdámos a sua amizade — amizade nascida em Coimbra há muitos anos, quando, padre em busca do seu caminho, andava por lá na ronda dos que sofrem; e Dr. Leonardo era um deles em seu leito de doente.

Duas vezes este me contou de como foi o primeiro encontro dos dois. Outras mais me recordou o êxtase em que o deixavam os diálogos sobre os Evangelhos e as Cartas de S. Paulo havidos com aquele padre a quem a cultura Escriturística não fazia falta, tamanha era a sabedoria da Palavra de Deus — o que muito ajudou o processo da sua conversão.

Muito do que nasceu da sua inquietação pelos outros, foi chocado ao calor de Pai Américo, já então mestre de Pedagogia-aplicada, campeão do Amor em obras, em verdade. Tal aconteceu, justamente, nos dois últimos anos de Pai Américo, em que as suas visitas foram mais frequentes e íntimas e me permitiram conhecê-lo e fundamentar um afecto e uma admiração que haviam de crescer até ao fim.

Fundados o «Centro de Recuperação de Crianças», na Senhora da Hora e a «Associação Protectora da Criança contra a crueldade e abandono», havia de aumentar a nossa colaboração, todas as vezes que recorriamos aos serviços do Centro ou recebíamos rapazes cuja idade tornava difícil mantê-los na Associação. Muitos dos nossos filhos vieram do Dr. Leonardo e sempre estiveram e estão abertas as portas das nossas Casas para membros de cada uma.

Não há ainda muito tempo, circunstâncias felizes a que se costuma chamar Acaso e são, afinal, a trama com que Deus tece a Sua misericórdia para com os homens, pôs-nos na pista de uma solução ampla e definitiva para as duas obras que Dr. Leonardo criara e a que ia dando, com sua Esposa, o melhor da sua dedicação: uma quinta, uma grande quinta, onde o Centro, sobretudo, poderia expandir em indispensável internato, uma acção até agora incapaz de ir além do tempo indispensável a uma observação das crianças diminuídas.

O seu sonho dera-lhe asas para levantar de raiz uma eficiente instalação para o Centro, em S. Mamede de Infesta, que apenas espera o equipamento necessário e a dotação imprescindível para poder funcionar. Contava que o Ministério da Saúde sustentasse este funcionamento. Depois, todas as suas energias seriam para a quinta e para a comunidade de crianças que, pelo tempo em fora, ali habitaria para um trabalho de recuperação, tão justo, tão a bem da Nação, quanto, infelizmente, até hoje, tão pouco praticado.

Nós não somos de estafar adjectivos nem de nos demorarmos em toadas funéreas a respeito dos que se preocuparam durante a vida com o amor dos Irmãos. Desses, o elogio fúnebre pronunciá-lo-á Jesus, como nos diz o Evangelho de S. Mateus, cap. XXV: «Vem bendito de Meu Pai, porque tive fome e sede e frio e doença e solidão... e tu consolaste-Me».

A nossa homenagem será prosseguir a sua rota de luz. Deus providenciará! Espera-se que os homens não se deixem adormecer por palavras doutras.

Presença da Igreja

Cont. da PRIMEIRA página

que dia a dia se tornam mais urgentes», mais decidiram:

— «Estar dispostos a ir superando as desigualdades económicas entre sacerdotes, paróquias, dioceses e famílias religiosas, numa cristã comunicação de bens, tão grande quanto possível.

— ...Realizar uma adequada informação sobre a economia da Igreja espanhola e incorporar leigos competentes na gestão da mesma...

— Dedicar mais sacerdotes, mais Escolas da Igreja e mais esforços pastorais às zonas pobres e deprimidas da sociedade».

Conforme se lê no diário madrilenho «Ya» de 20/Julho, também sobre um problema escolar ocasionado pela falta de recursos para a execução da Reforma Educativa, se debruçaram os Bispos espanhóis na sua XII Assembleia plenária. E eles, «que haviam considerado um dever pastoral solidarizar-se com as linhas

fundamentais da projectada Reforma, temem, com muito pesar seu, não poder explicar como se desvirtuou tal projecto, (...) reafirmando que no nobre campo da cultura não deve haver lugar para discriminações nem prerrogativas». E «mantêm o propósito, sereno e conscientemente ratificado, de atender preferentemente aos sectores sociais mais débeis. Não perdem a esperança de que se abram caminhos que salvem, por um lado a justa liberdade dos Pais da família de escolher para seus filhos os meios educativos que julguem mais convenientes; e, por outro, a irrenunciável decisão de servir, também através de centros docentes dependentes da Igreja, os que não estão em condições de custear um colégio pago. E confiam em que possa transformar-se rapidamente o condicionalismo externo e interno que tem feito aparecer as Instituições educativas da Igreja como demasiado ligadas a sectores sociais privilegiados».

x x x

Ao ler estas consoladoras palavras, que renovam uma vez mais o inconstável sinal dos «últimos tempos» inaugurados por Jesus: «Ide dizer a João que os cegos vêem, os coxos andam e os Pobres são evan-

gelizados» — surgem-me, nem sei bem como nem porquê, algumas imagens passadas:

— A simplicidade encantadora da vida que geralmente conheci nas residências episcopais ultramarinas, autênticos presbitérios onde se sentia o bem logrado esforço do Bispo em situar-se «primus inter pares».

— Aquela anedota, que me disseram romana, classificando os Bispos europeus de «Príncipes da Igreja» e os africanos, de «Sucessores dos Apóstolos».

— A feliz impressão de um ministro do Estado que, visitando-nos em dia de semana e percorrendo toda a nossa Casa, em funcionamento normalíssimo, experimentou, decerto pela vez primeira, a sensação de não ter sido estorvo e nos deixou à despedida o desabafo amigo: «Sim senhor! E não me ligaram nenhuma...!»

— A experiência dolorosa, várias vezes repetida, de grupos privilegiados e de pobres e também de sacerdotes e paróquias a viver em tão escandalosa discrepância no uso de bens temporais.

— A certeza, dia a dia mais enraizada, de que será no campo da educação que se ganhará a definitiva batalha sobre todas as misérias que assolam o mundo, incluída a matriz de todas elas: o pecado.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE